

## Que estudam os nossos jovens

### CITAÇÃO

Ferreira Gomes, J. (2019)  
Que estudam os nossos jovens,  
*Rev. Ciência Elem.*, V7 (03):040.  
[doi.org/10.24927/rce2019.040](https://doi.org/10.24927/rce2019.040)

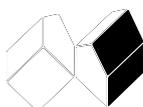
### EDITOR

José Ferreira Gomes,  
Universidade do Porto

### COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2019.  
Este artigo é de acesso livre,  
distribuído sob licença Creative  
Commons com a designação  
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite  
a utilização e a partilha para fins  
não comerciais, desde que citado  
o autor e a fonte original do artigo.

[rce.casadasciencias.org](http://rce.casadasciencias.org)



Nos últimos 20 anos, temos feito um enorme esforço para manter na escola todos os jovens até aos 18 anos. De facto, a taxa de abandono escolar precoce estava próxima dos 50% no início do século e baixou de forma sustentada até perto dos 10%, o alvo proposto para 2020. Isto exigiu um enorme trabalho das escolas e uma notável capacidade de adaptação dos professores. A população escolar é hoje diferente daquela que estava nas escolas e aceita desafios muito diferentes. A insistência na via escolar única, a "liceal", era rejeitada por muitos que não se sentiam acolhidos e abandonavam a escola. O quadro seguinte apresenta o nível educativo da população de 25 a 29 anos dos diferentes países europeus, segundo o Eurostat com dados dos censos de 2011. (O nível 3-4 corresponde ao secundário e o nível 5-8 ao TeSP, licenciado, mestre e doutorado.)



Portugal (e Espanha) estava(m) ainda longe da média da União Europeia com um enorme excesso de população não qualificada. Os níveis 3-4 têm de ser reforçados, especialmente as vias profissionalizantes do secundário. Note-se que países como a Espanha e a França têm uma forte presença do nível 5 (TeSP em Portugal) que explica a alta taxa de qualificação superior. Os perfis educativos com forte componente científica são a base para as qualificações profissionais técnicas que são as mais procuradas no mercado de trabalho ao nível 4 (secundário profissional) ou a um nível superior. A desejada transformação da nossa economia com o reforço da produção de bens transacionáveis (exportações) exige uma melhor qualificação técnica dos mais jovens e uma aproximação entre os

seus percursos educativos e os setores mais dinâmicos da economia, especialmente das empresas das suas regiões. Isto traduz-se num esforço adicional das escolas e dos professores para encontrarem os nichos de educação e formação mais relevantes para cada um dos seus alunos.

A diversificação dos percursos educativos, especialmente ao nível secundário exige um esforço adicional para a proposta de estratégias de aprendizagem e dos próprios objetivos na matemática e nas ciências. A tradicional “dificuldade” de muitos alunos pode resultar do desajuste entre os seus objetivos e a proposta dos programas e do professor. Em comparação internacional, temos feito progresso na matemática (em jovens de 15 anos, exercício PISA da OCDE). Na generalidade dos países, os objetivos propostos para o secundário em matemática e ciências variam muito conforme a via escolhida pelos alunos. Entre nós este caminho foi iniciado com perto de 50% dos jovens a escolherem a via mais académica (científico-humanística) que é fortemente regulamentada e merece toda a atenção pública e política. As vias profissionais deveriam merecer a mesma atenção, quer pelos muitos jovens cujo futuro depende do trabalho aí feito, quer pelo impacto social e económico da formação profissionalizante que aí devem receber.

José Ferreira Gomes

Editor